

CONVERSATIONS WITH THE EARTH



Incêndio no Páramo

Quando tudo terminou, uma plantação de pinheiros de compensação por emissões de uma companhia holandesa somente produziu fumaça.

No começo dos anos 90, FACE, uma empresa com sede na Holanda criada por um consórcio de companhias de serviços públicos holandeses, começou a estabelecer plantações de árvores em todo o mundo para compensar a queima de combustíveis fósseis dos seus membros. Um projeto envolveu uma comunidade Kichwa no Equador. Apesar do entusiasmo inicial, a plantação importou espécies exóticas invasivas, não produziu madeira e renda para as comunidades e degradou um ecossistema singular, o “páramo”. Eventualmente, esses fatores contribuíram para um incêndio trágico, que provavelmente causou uma perda líquida na absorção atmosférico de carbono, enquanto as companhias de serviços públicos continuaram a funcionar normalmente. A ONU aprovou a plantação de florestas para mitigação da mudança climáticas, e talvez deva expandir essa aprovação. Mas os residentes de Mojandita ainda estão em chamas.



Fotografia: Nicolas Villaume
Leyendas: Thea Riofrancos
2009 - www.conversationsearth.org

Em 1993, Profafor – uma empreiteira equatoriana trabalhando para FACE, uma fundação de compensação de carbono – chegou na região norte da Sierra para negociar um contrato com Mojandita, uma comunidade indígena Kichwa, para plantar 140 hectares de pinheiros. No contrato, os dois lados deveriam aproveitar da nova economia global de carbono. Profafor iria fornecer treinamento, obter os certificados para a plantação e pagar aluguel pelas terras, enquanto a comunidade seria responsável pela manutenção da plantação. Lima Isama Pedro, um camponês local, até deixou de trabalhar nas suas próprias terras para trabalhar com os pinheiros.



Lima Isama Pedro, Mojandita, Quebrada, Equador



Josefina Lema e seu irmão / Mojandita, Quebrada, Equador



Josefina Lema, Mojandita Alta, Plantação de pinheiros de Páramo, Equador

No fim, os residentes da de Mojandita, como Josefina Lema, reclamaram que a comunidade nunca viu os benefícios socioeconômicos prometidos proveniente dos projetos de mitigação de mudança climática – primeiramente principalmente as receitas dos subprodutos de madeira. Pinheiros geralmente não crescem bem fora do seu habitat nativo. Depois de dez anos, os pinheiros plantados no Equador ainda não tinham atingidos a maturidade, e assim não tinha havia arvores árvores suficientes para ser cortadas e vendidas. Os residentes também viram problemas

ambientais. As fileiras de pinheiros tinham um efeito indesejado no páramo, uma zona úmida nos topos nos dos Andes do norte, que abastece o a capital federal de Quito com a metade da sua água. Uma grande parte da vegetação local morreu nos perímetros da nova plantação. Os pinheiros criaram demasiado muita sombra para os prados nativos de paja, e absorveram um excesso de água em excesso, reduzindo o abastecimento de água local água – um convite para um desastre ainda mais sério.



Josefina Lema / Mojandita, Quebrada, Equador

Os residentes Kichwa da Mojandita definem seu relacionamento recíproco com a Mãe Terra, Pachamama, através de rituais de reverência. Nas suas práticas espirituais, Josefina Lema combina o conhecimento indígena com uma consciência clara dos impactos locais da degradação ambiental.



Mojandita, Equador

O verão do ano de 2003 foi muito seco. Uma noite, um velho de Mojandita, lembrado apenas por uma foto antiga, saiu de sua casa para o topo do páramo para realizar um ritual Kichwa de chuva, desconsiderando as objeções dos seus vizinhos. Grandes incêndios são raros em Mojandita, como os vizinhos afirmam sem hesitação. As plantas nativas, como a erva paja, evoluíram com queimas regulares, e o páramo húmido serve para moderar as



Josefina Lema, Mojandita Alta, Páramo, Equador

Se as árvores numa plantação têm alguma vantagem na mitigação climáticas, é que elas captam carbono em maneiras que podem ser facilmente medida por cientistas. “Pinheiros são arvores especiais que limpam o ar”, alegou a companhia de compensação de carbono Profafor para a comunidade quando introduziu um plano para reduzir o aquecimento global pela absorção de carbono. No entanto, para plantar as árvores, os trabalhadores têm que tirar a vegetação nativa e expor o solo, liberando quantidades significantes de carbono. Na Mojandita, os resultado ainda poderiam ser positivos, se não fosse por alguns fatores preocupantes: uma espécie exótica invasiva de pinheiro, crescimento atrofiado, seca – uma receita para criar árvores de morte.

chamas. Mas isso foi antes da plantação de pinheiros sugar toda a água e cobrir o solo com agulhas de pinheiros, atrofiando a flora nativa e acumulando gravetos secos. O velho voltou para a sua casa na manhã seguinte, mais havia deixado uma vela acesa para trás. Até as chamas morrerem, queimaram a metade da plantação de pinheiros e a vegetação envolta, criando a conflagração mais séria na memória dos residentes locais.



Plantação de pinheiros, Mojandita Alta, Páramo, Equador

Na sequência do incêndio, a Profafor imediatamente ameaçou entrar com um processo judicial e exigiu que os Mojandita pagassem pela plantação queimada. Seis anos depois, os pinheiros exóticos apenas exibem uma cor negra, ramos desnudados e uma herança de desentendimentos.



Plantação de pinheiros, Mojandita Alta, Páramo, Equador

Em Mojandita, os troncos dos pinheiros começaram a se integrar ao campo, a vegetação nativa persistente está começando a voltar e a comunidade renovou suas relações tradicionais com o páramo. Mesmo assim, outras plantações estão surgindo pelo mundo inteiro, ganhando aprovação internacional como projetos de mitigação climática. Essa aprovação pode se expandir nas futuras Conferências Climáticas da ONU e/ou outras negociações internacionais. Uma proposta que existe é de sancionar o uso de plantações nas florestas degradadas: ao invés de restaurar as florestas ou as deixar crescer de novo naturalmente, um comerciante de carbono poderia criar monoculturas, com fileiras de árvores e plantações para créditos de compensação – apesar de ser difícil convencer os habitantes de Mojandita disso.



Lima Isama Pedro / Mojandita, Equador

Quinze anos depois da a ideia ser apresentada, Mojandita ainda está lidando com as cinzas da experiência falida com o comércio de carbono. Na economia desse tipo de mercado, emissores de carbono como serviços públicos acham que é mais barato patrocinar projetos como Mojandito do que reduzir suas emissões. Mas para pessoas como Lima Isama Pedro, que sacrificou a certeza da sua roça para a incerteza da produção de madeira, essa solução não é mais barata. As perdas particulares de Pedro foram

aumentadas pelos danos públicos do ecossistema, da água e a boa vontade de Mojandita. Armada com o ressentimento e uma história de participação nos movimentos indígenas e ambientais, a comunidade não viu com bons olhos o processo que Profafor iniciou depois do incêndio. Seus dirigentes logo ameaçaram uma mobilização contra a empresa, e, em dezembro de 2009, Profafor retrocedeu da sua tentativa de arrecadar indenização.